

VELHICE LGBTQIA+: A QUALIDADE DA LONGEVIDADE DEVE SER PARA TODOS

Francisco Erik Freire Maia¹
Mariana Lara Cabral Viana²
Sabrina Raquel de Oliveira³
Wandeclebson Ferreira Júnior⁴

RESUMO

O processo de envelhecimento é um aspecto natural do desenvolvimento humano, com declínios e mudanças físicas, cognitivas e psicossociais. No passado, a homossexualidade foi interpretada de muitas maneiras, de pecado a patologia neurodegenerativa, com a atribuição de diversas ideias preconceituosas e discriminatórias que se estendem até os dias atuais. Como se não bastassem os preconceitos enraizados e replicados a respeito dos dois fenômenos separados, existem, também, a negligência e discriminação com a velhice LGBTQIA+. Com isso, este artigo objetivou reunir dados da literatura científica a respeito da população LGBTQIA+ idosa. A pesquisa bibliográfica foi realizada ao longo do mês de Junho do ano de 2020, por meio das bases de dados *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), operacionalizada através do cruzamento dos descritores “LGBT” e “velhice”. Os achados científicos fornecem um panorama que busca compreender os significados construídos socialmente e atribuídos ao idoso enquanto indivíduo LGBTQIA+. As variações de expressão da sexualidade do idoso, incluídas as que se relacionam com o curso da vida, e determinadas proposições sobre os significados sociais e subjetivos da sexualidade, são um campo fértil para estudos, sendo fundamental o aprofundamento na perspectiva de saúde mental.

Palavras-chave: Envelhecimento, LGBTQIA+, Sexualidade, Saúde mental.

INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento é caracterizado como uma etapa natural do desenvolvimento humano, na qual é comum o surgimento de declínios e mudanças físicas, cognitivas e psicossociais, englobando o campo da sexualidade, independentemente da população, seja ela heterossexual ou parte da comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais e outros).

¹Graduando do Curso de Psicologia da Faculdade Nova Esperança de Mossoró – FACENE/RN.
eryk.maya@gmail.com

²Graduanda pelo Curso de Psicologia da Faculdade Nova Esperança de Mossoró – FACENE/RN.
marianalaracv@gmail.com

³Graduanda pelo Curso de Psicologia da Faculdade Nova Esperança de Mossoró – FACENE/RN.
sabrinaraqueldo@gmail.com

⁴Psicólogo. Esp. em Saúde da Família e Neuropsicologia Clínica. Docente na FACENE/RN.
ferreirajr@facenemossoro.com.br



No passado, a homossexualidade foi interpretada de muitas maneiras, de pecado a patologia neurodegenerativa, com a atribuição de diversas ideias preconceituosas e discriminatórias que se estendem até os dias atuais. Por volta de 1990, a homossexualidade deixou de ser considerada uma doença mental e foi retirada dos manuais de transtornos mentais (ABGLT, 2010). Apesar de ser uma conquista relativamente recente, foi a partir disso que as questões afetivas, emocionais e sexuais passaram a serem consideradas como parte da orientação sexual e identidade de gênero, potentes componentes da subjetividade humana.

Entende-se que a sexualidade ainda é um tópico que encontra resistência da sociedade contemporânea quanto às suas possibilidades de orientação, educação e desconstrução, ainda mais quando relacionado à velhice, que é taxada como uma fase de improdutividade e da interrupção definitiva de uma vida sexualmente ativa. Para Carlos, Santos e Araújo (2018), entre os tabus que estão presentes na sociedade, a sexualidade muitas vezes é vista como ausente na vida adulta tardia, em contrapartida, os profissionais da gerontologia afirmam que uma velhice sexualmente ativa é parte do processo fundamental para um envelhecimento saudável.

Como se não bastassem os preconceitos enraizados e replicados a respeito dos dois fenômenos separados, existem, também, a negligência e discriminação com a velhice LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, entre outros), considerada como um assunto relativamente novo. Antigamente não era comum ver LGBTQIA+ alcançando a longevidade, uma vez que muitos eram mortos em crimes brutais de ódio e em decorrência do agravamento de doenças causadas pelas Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Nesse sentido, alguns autores citam que:

“Tendo em vista, este panorama de homofobia e ageísmo, torna-se complexo a percepção destes fenômenos entrelaçados, que por sua vez, vem acarretando em estigmas sociais da velhice LGBT, afinal, estes idosos estão alcançando tal fase do desenvolvimento e construindo novos legados, mas vivem à margem da discriminação.”
(CARLOS; SANTOS; ARAÚJO, p. 299, 2018).

A velhice de pessoas LGBTQIA+, biologicamente, não difere da de uma pessoa heterossexual, com isso, esses idosos também são acometidos por doenças cardiovasculares, diabetes, Alzheimer, problemas de osteoporose, câncer, entre outros. No entanto, se observa

que ao falar de adoecimentos dessa população, existe um estigma relacionado às IST. Para Almeida e Vasconcellos (2018), existe uma escassez de dados oficiais sobre essa população que não seja relacionado às IST, como as taxas de desemprego, escolaridade, entre outros.

Sendo assim, percebe-se que o preconceito não é reproduzido apenas de forma direta e consciente, mas que ele faz parte de algo maior, de uma espécie de inconsciente coletivo, no qual essas ideias atravessam gerações sem grandes questionamentos ou movimentos de desconstrução. É importante se pensar, também, na homofobia internalizada pela própria comunidade, vista como uma não aceitação da sexualidade ou uma busca incansável por adequação ao padrão social heteronormativo. Para Crenitte, Miguel e Jacob Filho (2019) essa homofobia internalizada, assim como a violência estrutural LGBTfóbica, são particularidades que potencializam a invisibilidade da velhice LGBTQIA+, levando ao isolamento social dessas pessoas.

Com isso, este artigo objetivou reunir dados da literatura científica a respeito da população LGBTQIA+ idosa, a fim de discutir sua complexidade e a necessidade de atenção por parte da comunidade científica para a sua consideração nas estratégias e intervenções de saúde, assegurando-lhes seus direitos dentro da sociedade e contribuindo de forma empática e acolhedora para uma velhice saudável, digna e plena desse público vítima de preconceito, discriminação e negligência.

METODOLOGIA

Apresenta-se, aqui, uma revisão bibliográfica. De acordo com Santos e Candeloro (2006), esse método também pode ser nomeado como revisão de literatura ou referencial teórico, destacando contribuições científicas existentes em torno de um tema específico.

A pesquisa foi realizada ao longo do mês de Junho do ano de 2020, por meio das bases de dados *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), operacionalizada através do cruzamento dos descritores “LGBT” e “velhice”, com o operador booleano “AND”.

Foram definidos como critérios de inclusão: estudos em português, brasileiros, disponíveis como trabalhos completos e publicados entre 2015 e 2020, com o objetivo de retratar a produção dos últimos cinco anos. Após isso, foi realizada uma pré-seleção com

leitura breve de título e resumo, resultando em uma seleção mais aprofundada do trabalho completo a fim de sistematizar o arcabouço teórico/científico base do resultado apresentado mais à frente.

Além dos achados na busca descrita, esta revisão também contou com o apoio de livros e materiais auxiliares, juntamente com o manual de comunicação LGBTT – ABGLT, enriquecendo a discussão a respeito das temáticas do envelhecimento, sexualidade e a sua correlação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Histórico de lutas e conquistas da comunidade LGBTQIA+

As pessoas LGBTs existem desde os primórdios da humanidade. Segundo a ABGLT (2010), estudos antropológicos através de pinturas sinalizam que as relações homossexuais eram permitidas na pré-história, apontando-as, inclusive, como rituais de passagem masculinos. Na Grécia, principalmente quando se fala de mitologia grega, eram comuns personagens homossexuais, hermafroditos e andrógenos. Ainda para a ABGLT (2010), não havia discriminação na Grécia antiga, haja vista que os relacionamentos homossexuais eram considerados mais nobres que os heterossexuais.

Na idade média, a homossexualidade foi perseguida fortemente pelas igrejas, que a consideravam como pecado, atribuindo-lhe a pena de morte. Para a ABGLT (2010), nessa época a homossexualidade se tornou mais presente com o aumento de acampamentos militares. Destaca-se que no período da Alemanha nazista, os homossexuais, negros, judeus e deficientes foram fortemente perseguidos e mortos por serem considerados como anomalias da natureza. Para Elídio (2010, p. 04) “O genocídio nazista foi uma das grandes catástrofes que marcaram o século XX. Entre os grupos perseguidos e assassinados estavam os homossexuais”.

Em redação, Anistia (2020) aponta que 1969 foram um dos grandes pontos que impulsionaram a conquista da visibilidade da comunidade, marcado pela resistência dos LGBTs que frequentavam o bar *Stonewall Inn*, em New York, brutalmente invadido pela polícia. Anos depois, em 1990, a homossexualidade foi retirada dos manuais de transtornos mentais. E recentemente, segundo Caldeira (2019), a transexualidade foi retirada da

classificação de transtorno mental, sendo esta considerada como uma grande conquista, possibilitando maior aceitação social. Logo, entende-se que a Medicina, junto às demais áreas correlatas, ainda exerce uma grande influência na dimensão social de diversos fenômenos.

Velhice LGBTQIA+

O processo de envelhecimento provoca uma série de mudanças físicas, psicológicas e sociais que são vivenciadas de maneiras diferentes por cada indivíduo. No entanto, quando a velhice é atrelada à sexualidade, surge uma série de estigmas e preconceitos, uma vez que a sociedade reduz a sexualidade ao ato sexual, invisibilizando a vida adulta tardia, que sofre com o estereótipo da completa inatividade sexual. Para Carlos, Santos e Araújo (2018), a sexualidade está muito além do ato sexual, sendo essencial para fortalecimento do vínculo afetivo e um grande promotor de prazer e companheirismo, aspectos importantes na manutenção da saúde física e mental.

Por ser um assunto atual no campo da ciência, graças às lutas e conquistas de direitos ao longo dos anos, é importante ter em mente que explorar esse campo, bem como ser um idoso LGBTQIA+, é considerado um ato de resistência, pois o Brasil é conhecido mundialmente como o país que mais mata LGBTQIA+. O público mais afetado pelos crimes de ódio são travestis e transexuais, que tem uma estimativa de vida muito baixa se comparado à expectativa de vida do país. Segundo redação do Observatório 3º Setor, realizado em 2018, a expectativa de vida de pessoas transexuais e travestis no Brasil chega somente a 35 anos, menos da metade da média nacional, de 75 anos.

O campo da gerontologia está sendo pioneiro na exploração da sexualidade da velhice LGBTQIA+. Para Araújo e Carlos (2018), na contemporaneidade, o corpo ocupa o lugar de destaque, principalmente um corpo esbelto, ativo e de boa aparência, no entanto, na velhice é comum o surgimento de rugas e da flacidez, queda de cabelos e redução dos níveis de melanina dos pêlos corporais e cabelos, perda de massa muscular, entre outras mudanças. Uma vez que no âmbito social é comum a hipersexualização do corpo, essas mudanças resultam em rejeição. De acordo com Henning (2017), a comunidade LGBT, em específico os homens homossexuais, têm uma orientação muito voltada para a valorização da juventude. Contudo, para Araújo e Carlos (2017), a sexualidade não acaba com o envelhecer. Apesar dos declínios presentes nesse processo e da diminuição da frequência da atividade sexual, há uma

ampliação na intensidade do prazer. Esse fator também se dá a partir da experiência adquirida ao longo dos anos e as diferentes formas de explorar a sexualidade e o corpo.

Quanto aos casamentos homoafetivos, apesar de a dificuldade de encontrar parceiros fixos ser marcante na fase da vida adulta, na velhice, para Papalia e Feldman (2013), as relações entre gays e lésbicas se tornam mais fortes, solidárias e diversificadas. Outro ponto importante a ser destacado é que o surgimento de declínios que causam dependência física são os principais causadores de problemas para esse público, que é negligenciado e discriminado em casas de repouso, serviços médicos e de apoio social. Esses fatores estressores são causadores de adoecimentos psicológicos como a depressão, podendo, inclusive, desencadear ideação e comportamento suicida. Para Henning (2017), em 1970, a literatura da gerontologia de homens homossexuais estava voltada principalmente para a depressão e o isolamento social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O número de publicações nesta revisão foi resultado do cruzamento dos descritores e critérios de inclusão já citados. A busca na *SciELO* resultou na seleção de 04 estudos e, na LILACS, 05. Após a avaliação dos títulos e resumos e a identificação da repetição de trabalhos entre as bases, a amostra final foi de 05 artigos científicos (04 da *SciELO* e 01 da LILACS). Será apresentada, no Quadro 01, a síntese das informações dos artigos incluídos neste trabalho.

Quadro 01: Estudos incluídos na revisão, com ano de publicação, autores, título do artigo, resumo e descritor.

ANO	AUTORES	TÍTULO	RESUMO	DESCRITOR
2017	Henning	Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”	O artigo trata-se de uma revisão crítica com um olhar antropológico para a “gerontologia LGBT” e os idosos desse grupo.	“LGBT” AND “velhice”

2017	Salgado et al.	Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros	Trata-se de um estudo descritivo e exploratório com dados transversais que busca identificar as representações sociais do idoso LGBT, onde percebe-se que é carregada de estigmas negativos e preconceito.	“LGBT” AND “velhice”
2018	Araújo e Carlos	Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT	O artigo busca realizar uma discussão aprofundada acerca da sexualidade na velhice LGBT e sua luta contra estigmas e preconceitos.	“LGBT” AND “velhice”
2018	Carlos, Santos e Araújo	Representações Sociais da velhice LGBT: estudo comparativo entre universitários de Direito, Pedagogia e Psicologia	Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, com dados transversais e por conveniência que busca conhecer as representações sociais de um grupo de 300 estudantes universitários acerca do envelhecimento LGBT.	“LGBT” AND “velhice”
2019	Crenitte, Miguel e Jacob Filho	Abordagem das particularidades da velhice de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros	O presente artigo aborda as questões da sexualidade dos LGBTs atrelado ao envelhecimento, mostrando os principais desafios enfrentados e os fatos que são causadores da invisibilidade social dessa população.	“LGBT” AND “velhice”

Fonte: Elaboração dos autores (2020).

Ao promover uma análise acerca da velhice LGBTQIA+ é preciso compreender as questões que se entrelaçam nas dimensões sociais, validadas também pela cultura e pela estrutura heteronormativa ainda dominante. Nesse sentido, é possível pensar em uma dupla exclusão, advinda da condição de ser idoso e somado com o estigma da sexualidade ainda considerada destoante.

Nos achados científicos, os estudos de Carlos, Santos e Araújo (2018) e Salgado et al. (2017) nos fornecem um panorama da temática por meio da teoria das representações sociais de Moscovici, buscando compreender os significados construídos socialmente e atribuídos ao idoso enquanto indivíduo LGBTQIA+. Assim, é possível examinar tais representações a partir de duas óticas importantes, levando em consideração perspectivas distintas que nos fornecem ferramentas de reflexão.

Tendo em vista o primeiro estudo mencionado, as representações sociais são baseadas nas visões de alunos universitários, e as informações coletadas se direcionam a uma relação direta com o preconceito e a discriminação. Algumas falas trazem a solidão do idoso LGBTQIA+ atrelada à ausência de filhos biológicos ou parceiros e a não aceitação da família, enfatizando um processo de exclusão, que é resultado da desvalorização dos sujeitos que fogem do padrão heteronormativo imposto socialmente. Além disso, outros pontos de vista apresentados trazem a homossexualidade vinculada à patologia, vergonha ou entendida meramente como uma escolha. Dessa forma, verifica-se que o olhar do outro, jovem e em sua maioria heterossexual, ainda constrói uma visão sobre o idoso que o coloca à margem, excluído e sozinho. O preconceito ainda se mostra em falas vinculadas a religião, com a vivência da singularidade sendo patologizada e pecadora. (CARLOS; SANTOS; ARAÚJO, 2018).

Percebe-se que esse preconceito é reproduzido, inclusive, nos serviços de saúde. Para Crenitte, Miguel e Jacob Filho (2019), os profissionais da saúde assumem uma postura de neutralidade, em muitos casos por uma escassez de conhecimento sobre as demandas advindas dessa população, com receio de estarem sendo, porventura, preconceituosos, com o intuito de tratar todos iguais. No entanto, é preciso pensar que muitos idosos LGBTQIA+ passaram a vida como vítimas de preconceito e negligência e, dessa forma, entende-se que não existe uma abordagem única e padrão de suporte a esse público e que as diferenças precisam ser exploradas.



Ainda considerando as representações sociais, o estudo de Salgado et al. (2017) apresenta a perspectiva dos idosos sobre a velhice LGBTQIA+, evidenciando discursos que comprovam a desvalorização desses sujeitos e uma visão negativa comumente associada ao processo de envelhecer, somados ao preconceito como um potencializador de sofrimento. Algumas falas também carregam traços de discriminação, possibilitando um paralelo com as representações dadas pelos estudantes universitários já mencionados, que embora inseridos em contextos diferentes, apresentam visões similares.

Sem perceber, os indivíduos se enquadram em padrões ditados socialmente, sendo estes limitantes. Por sua vez, se os negarem, sofrem com opressão e exclusão. Dessa forma, essa naturalização corrobora com a manutenção de pensamentos e representações preconceituosas, ainda que em diferentes gerações, sendo necessário a desconstrução desse olhar negativo em relação ao idoso LGBTQIA+ para se pensar em estratégias que visem integridade, autonomia e melhor qualidade de vida desses sujeitos. (ARAÚJO; CARLOS, 2018).

As variações de expressão da sexualidade do idoso, incluídas as que se relacionam com o curso da vida, e determinadas proposições sobre os significados sociais e subjetivos da sexualidade, são um campo fértil para estudos, sendo fundamental o aprofundamento na perspectiva de saúde mental, compreendendo aspectos como autoestima, aceitação e as manifestações de sofrimento psíquico decorrentes do preconceito (ARAÚJO; CARLOS, 2018).

A investigação do processo de envelhecimento de pessoas LGBTQIA+ tem sido realizada pelo campo do conhecimento chamado “gerontologia LGBT” e, como aponta o estudo de Henning (2017), configura-se como uma área ainda pouco explorada no Brasil, essencialmente estruturada na América do Norte. Assim, verifica-se a necessidade e, a partir dela, a possibilidade de produção de novas formas de conhecimento que atendam as demandas do contexto brasileiro, incluindo os envelhecimentos dentro dos seus cursos multifacetados, em respeito à diversidade humana.

Reflete-se também sobre os aspectos da dignidade por vezes negada às pessoas transexuais, haja vista que o direito de viver enquanto indivíduo que assume uma identidade desertora das normas sociais, coloca-o em um lugar ainda mais suscetível à violência e à morte. Com a expectativa de vida reduzida pela metade, Almeida e Vasconcellos (2018)



assinalam que a expectativa de vida de pessoas trans é comparada ao período em que os brasileiros eram escravizados, em 1880, e que a estimativa de vida atual do brasileiro é mais que o dobro das pessoas transexuais e travestis. Dessa forma, é possível notar que esses sujeitos não experienciam a longevidade que lhes deveria ser garantida. Portanto, é imprescindível pensar sobre os percursos relacionados a cada letra que compõe a sigla LGBTQIA+, enriquecendo um debate que não é individualizado, que precisa considerar as diversas histórias, experiências e singularidade, somando-as, também, ao envelhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade LGBTQIA+, que já foi classificada de pecado ao transtorno mental, saiu desse patamar recentemente, no entanto, ainda é alvo dos estigmas enraizados na sociedade, resquícios de conceitos construídos no passado. Os idosos LGBTQIA+ enfrentam diversos desafios, desde os básicos, como a aceitação da condição de idoso, vista socialmente como uma etapa de declínios e perdas, até aquelas ligadas à compreensão e à continuidade do desenvolvimento da sexualidade nesta etapa, movimento necessário para o alcance e/ou manutenção da sua integridade.

Dessa forma, é preciso refletir e desenvolver políticas públicas voltadas para esse público, promovendo a autonomia desses sujeitos para que seja possível atingir uma qualidade de vida multidimensional, na qual a linha de cuidado não esteja voltada somente para a dimensão biológica, como foi observado durante a pesquisa, mas que seja possível assistir todas as nuances que compõem a integralidade humana.

Ademais, a invisibilidade identificada sugere a necessidade de produção e difusão dos conhecimentos acerca desse grupo de pessoas, que se mostra desassistida através da escassez de trabalhos na área e da resistência sociocultural para a discussão dessa temática.

REFERÊNCIAS

ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. **Manual de Comunicação LGBT**. Curitiba: ABGLT, 2010.

ALMEIDA, Cecília Barreto; VASCONCELLOS, Victor Augusto. **Transexuais: transpondo barreiras no mercado de trabalho de São Paulo?**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1808-24322018000200303&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 de junho de 2020.

ALVES, Isabela. **Expectativa de vida de transexuais e travestis no Brasil é de 35 anos.** São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/expectativa-de-vida-de-transexuais-e-travestis-no-brasil-e-de-35-anos/>>. Acesso em: 07 de junho de 2020.

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes; CARLOS, Karolyna Pessoa Teixeira. **Sexualidade na velhice:** um estudo sobre o envelhecimento LGBT. Montevideo, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-70262018000100188&lang=pt>. Acesso em: 07 de junho de 2020.

CALDEIRA, Luísa Brambilla. **Girl:** a transexualidade na adolescência. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Ana_Claudia_Maia/publication/341256923_LEITURAS_SOBRE_A_SEXUALIDADE_EM_FILMES_VOLUME_1/links/5eb6005d92851cd50da39391/LEITURAS-SOBRE-A-SEXUALIDADE-EM-FILMES-VOLUME-1.pdf#page=72>. Acesso em: 04 de julho de 2020.

CARLOS, Karolyna Pessoa Teixeira; SANTOS, José Victor de Oliveira; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes. **Representações Sociais da velhice LGBT:** estudo comparativo entre universitários de Direito, Pedagogia e Psicologia. Barranquilla, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-01372018000200297&lang=pt>. Acesso em: 07 de junho de 2020.

CRENITTE, Milton Roberto Furst; MIGUEL, Diego Felix; JACOB FILHO, Wilson. **Abordagem das particularidades da velhice de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros.** São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1005570>>. Acesso em: 26 de junho de 2020.

ELÍDIO, Tiago. **A perseguição nazista aos homossexuais: o testemunho de um dos esquecidos da memória.** Campina, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270289>>. Acesso em: 04 de julho de 2020.

HENNING, Carlos Eduardo. **Gerontologia LGBT:** velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832017000100283&lang=pt>. Acesso em: 07 de junho de 2020.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

QUEIROZ, Jandira. **28 de Junho – Dia do orgulho LGBTI.** 2020. Disponível em: <<https://anistia.org.br/28-de-junho-dia-orgulho-lgbti/>>. Acesso em: 16 de junho de 2020.

SALGADO et al. **Velhice LGBT:** uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. Montevideo, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-42212017000200155&lang=pt>. Acesso em: 07 de junho de 2020.

SANTOS, Vanice; CANDELORO, Rosana Jardim. **Trabalhos Acadêmicos:** Uma orientação para a pesquisa e normas técnicas. Porto Alegre/RSE 2006. 149p.